



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LETRAS**

FELIPE PEREIRA BATISTA

**MADAME BOVARY E LADY CHATTERLEY:
A CAMINHO DO ADULTÉRIO**

**Campina Grande – PB
2014**

FELIPE PEREIRA BATISTA

**MADAME BOVARY E LADY CHATTERLEY:
A CAMINHO DO ADULTÉRIO**

Artigo apresentado à disciplina: Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, como requisito para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras - Língua Inglesa na Universidade Estadual da Paraíba – Campina Grande, na área de Literatura Comparada, sob a orientação da Professora Dra. Francisca Zuleide Duarte.

**Campina Grande – PB
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

B333m Batista, Felipe Pereira
Madame Bovary e Lady Chatterley [manuscrito] : a caminho
do adultério / Felipe Pereira Batista. - 2014.
28 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Profa. Dra. Francisca Zuleide Duarte de Souza,
Departamento de Letras e Artes".

1. Literatura Comparada 2. Romance 3. Realismo 4.
Adultério I. Título.

21. ed. CDD 809

FELIPE PEREIRA BATISTA

**MADAME BOVARY E LADY CHATTERLEY:
A CAMINHO DO ADULTÉRIO**

Artigo apresentado à disciplina: Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, como requisito para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras - Língua Inglesa na Universidade Estadual da Paraíba – Campina Grande, na área de Literatura Comparada, sob a orientação da Professora Dra. Francisca Zuleide Duarte.

Aprovada em 10/12 2014.

Francisca Zuleide Duarte

10,0

Prof^a. Dr^a. Francisca Zuleide Duarte de Souza / UEPB
Orientadora

Alessandro Giordano

10,0

Prof. Ms. Alessandro Giordano / UEPB
Examinador

Gilda B. Neves Ribeiro

10,0

Prof^a Ms. Gilda Carneiro Neves Ribeiro / UEPB
Examinador

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus, o amado de minha alma, o bom pastor, o cuidador, o meu broquel, no qual minha alma se regozija numa plenitude perfeita de pai e filho. Tu és, Senhor, o meu sustentáculo, tu és a minha rocha!

*A professora **Dra. Zuleide**, minha orientadora, que com seu exemplo de amor à Literatura e seu vasto conhecimento, levou-me a ampliar não só o meu conhecimento referente à Literatura e o universo Feminino, mas também o encanto, apaixonadamente constante nas obras trabalhadas – protagonistas pelas quais sou encantado.*

A minha mãe, que, mesmo avulsa aos conhecimentos acadêmicos e mergulhada numa imensa humildade interiorana, também foi-me e sempre será meu amparo na caminhada da vida, meu baluarte;

*Meu pai, meus irmãos, e, em destaque, minha mana **Evilaine** (Laine) que, sendo mais velha que eu, conseguiu moldar-me à sua maneira: culta, amante das coisas boas e excêntricas, dos bons livros, do cinema, das boas canções...*

*A **Dona Miracy** – prima, amiga e irmã – poetisa de minha terra, ufanista de meu torrão caririense, a qual apresentou-me, em um dia de tertúlias literárias em seu sofá, a atemporal Emma Bovary, presenteando-me com o volume primorosamente oferecido em letras encantadoras. Tu fizeste a amizade entre Ema e eu, Mira...*

*A **Marília Félix**, amiga desde os tempos pueris, que também ama as Letras e a Literatura, ajudando-me primorosamente no decorrer dessa trajetória no caminho que trilhou antes de mim, amaciando-me a estrada;*

*A professora **Ma. Gilda**, um baluarte no saber, que, além de amparar-me com seus saberes acadêmicos, tem sido minha amiga, carinhosamente. Eu e você, Gilda, somos afins no amor à Literatura e a obra de Flaubert...*

*A **Eraldo Amorim** – meu bom companheiro – sempre tão presente durante a árdua caminhada que agora transforma-se em conquista. Essa conquista é nossa...*

Eu só tenho flores para jogar em seus caminhos...

*Na vingança e no amor a mulher é mais
bárbara do que o homem...*

Friedrich Nietzsche

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	07
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	09
2.1 O QUE É LITERATURA COMPARADA	09
2.2 O ADULTÉRIO	12
3. METODOLOGIA	15
4. ANÁLISE	17
4.1 EMMA BOVARY E CONSTANCE CHATTERLEY: A CAMINHO DO ADULTÉRIO.....	17
4.2 ADAPTAÇÃO FÍLMICA: <i>MADAME BOVARY</i> DE CLAUDE CHABROL E <i>LADY CHATTERLEY</i> DE PASCALE FERRAN	24
5. CONCLUSÃO	25
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28

MADAME BOVARY E LADY CHATTERLEY: A CAMINHO DO ADULTÉRIO

RESUMO

As obras *Madame Bovary* e *O Amante de Lady Chatterley*, dos escritores Gustave Flaubert e D. H. Lawrence, respectivamente, são duas obras significativas na literatura mundial, assemelhando-se pela temática adultério, presente nas duas obras. Nesse sentido, objetiva-se nesse trabalho analisar, através da Literatura Comparada, onde essas obras assemelham-se e diferenciam-se. Poderemos constatar que as obras, apesar de possuírem a mesma temática, tornam-se distintas em seus desfechos. O referido trabalho, portanto, compreende que as obras são evidenciadas por personagens vanguardistas e atemporais, levando o leitor a possíveis reflexões a partir dessas similitudes e disparidades entre as obras, e, respectivamente, às personagens. Flaubert e Lawrence fecham suas obras orientados por visões distintas, com relação à prática do adultério, no entanto, a audácia feminina, ao longo dos referidos romances, é tratada de forma semelhante, porém, são guiadas à desfechos diferentes.

Palavras-chave: Adultério, Literatura Comparada, Audácia Feminina.

1. INTRODUÇÃO

Como afirma Carvalhal (1997), a Literatura Comparada compara não apenas pelo simples procedimento em si, mas porque, como recurso analítico e interpretativo, a possibilita esse tipo de estudo literário uma exploração adequada de seus campos de trabalho e o alcance dos objetivos a que se propõe.

Este artigo tenciona discutir as semelhanças entre as obras literárias *O Amante de Lady Chatterley*, de D. H. Lawrence, e *Madame Bovary* de Gustave Flaubert, respectivamente.

O primeiro é um clássico da literatura inglesa, e o segundo da literatura francesa. Ambos retratam a perturbação amorosa no universo feminino, resultante do adultério, embora sejam, ora distintos ora semelhantes, os motivos que guiaram as protagonistas ao amor extraconjugal. O tema é uma constante nas literaturas em meados do século XIX e limiar do século XX (Foucault, 1988).

Discutir-se-á a abordagem do ato sexual nas obras a representação da sociedade da época nas quais estão ambientadas as tramas: a sociedade provinciana e burguesa da França oitocentista – no caso de *Emma Bovary* – e a sociedade aristocrática da Inglaterra do limiar do século XX onde habita Constance Chatterley, e que, segundo Perrot (1993) não existiu

época mais rica para o tema na literatura, já que o adultério deixava de ser algo tão chocante, passando a ambientar os romances de cabeceira.

Observar-se-á também o comportamento vanguardista das personagens, a maneira como ambas se colocam diante as respectivas realidades onde vivem, e, conseqüentemente, sentem-se oprimidas pelos rigores e padrões sociais vigentes. Esta pesquisa tem por objetivo investigar a presença do adultério nas referidas obras, e assim, revelar a importante contribuição do tema para os estudiosos da área e também mostrar que obras literárias podem colaborar para entendimento do comportamento humano, já que a literatura é um espelho da vida real, como afirma Perrot (1993).

Através da Literatura Comparada, as duas obras estarão em constante comparação, no intento de perceber as semelhanças ou disparidades que existem entre as duas protagonistas que setornam semelhantes no tocante à inconsequência impulsionadora para o adultério e a autoconstrução da ruína que conduz seus matrimônios ao fracasso, compreendendo assim os fatores que as estimularam aos atos extraconjugais e fizeram dessas duas obras-primas da Literatura dois clássicos, fontes de análises e adaptações desde seus lançamentos até hoje. Segundo Carvalho (1997), comparar duas obras é perceber não apenas semelhanças, mas também disparidades.

Enquanto Emma, personagem de Flaubert, torna perceptível, de maneira tênue, a diferença ao se observar diante do mundo mais conservador da era oitocentista, impossibilitando-a de um exercício sexual pleno, presa aos pudores da sociedade burguesa, onde a mesma é influenciada pela leitura de novelas romanescas, Constance – personagem de D. H. Lawrence – é criada fora dos padrões da época, embora nessa obra seja mais predominante e às claras o espaço e a forma que o adultério assume durante a trama.

A obra *Madame Bovary*, escrita em 1857, é considerada o marco do Realismo, e, através dela, as personagens femininas começam a ocupar espaços audaciosos como protagonistas por entre as obras conseqüentes. “*Emma Bovary sou eu*”. Foi com esta frase icônica que Flaubert pronunciou querendo livrar-se da culpa que o acusaram, estando de ter ofendido a moral, a religião, as mulheres e a própria França, sendo em seguida absolvido pela Sexta Corte Correccional do Tribunal do Sena, em Paris, ano de 1857. *Madame Bovary*, foi inicialmente publicada em episódios na Revista *Revue* de Paris.

O autor e seu editor foram acusados formalmente de terem criado um ser monstruoso, corrompido e odioso: Madame Bovary era a mulher adúltera que representava tão perfeitamente o perfil das mulheres da época que começavam a exercer mais liberdade com relação à opressão matrimonial. Flaubert sempre odiou a sujeição feminina que a sociedade,

juntamente com a religião, foi capaz de desenvolver; e isso é visto em Emma, que de maneira nenhuma suporta a hipocrisia da burguesia.

Já a obra *O Amante de Lady Chatterley* – tão interessante quanto *Madame Bovary* – foi publicada no ano de 1928 pelo britânico D. H. Lawrence. A obra foi impressa confidencialmente em Florença, sendo publicado abertamente ao público apenas em 1960, no Reino Unido.

O livro causou escândalo devido a cenas explícitas de sexo, com palavras consideradas imorais e a descrição constante de um caso extraconjugal de uma dama da aristocracia inglesa com um homem da classe trabalhadora, sendo esse outro escândalo além do adultério: “o envolvimento amoroso entre componentes de classes sociais diferentes.” (SOUZA, 2011)

A literatura abre diante do leitor um leque de possibilidades para estudo, levando em conta o aspecto histórico e social que uma determinada obra pode conter e isso é de extrema motivação. Segundo Vigotski (2003) “a literatura é uma recriação da realidade, e ela apresenta um produto sumamente complexo, elaborado pelos elementos da realidade, ao qual aporta um conjunto de elementos totalmente alheios”.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. O QUE É LITERATURA COMPARADA?

Segundo Nitrini (2000), comparar duas obras não é apenas aproximá-las, e sim, compreendê-las em suas complexidades, semelhanças e disparidades.

Literatura Comparada é o ramo da teoria literária, que compreende, através da comparação, a literatura em dois ou mais campos culturais, sociais e linguísticos diferentes. Adentrar o terreno da literatura comparada é preparar-se para trilhar veredas diversificadas da concepção humana, é ver que os “iguais”, até então, são “diferentes”, ou vice-versa, como assegura Carvalhal (1997):

Comparar é valer-se da oportunidade de olhar longe para ver de perto como o outro fala, do que o outro fala, o que o outro pensa, onde o outro vive, como vive; é, enfim, estabelecer comparações-atitude normal do ser humano. O exercício do comparativismo colabora para o entendimento do Outro. (CARVALHAL, 1997, p. 8)

Ainda para Carvalho (1997), o surgimento da literatura comparada como estudo e disciplina está vinculado à corrente de pensamento cosmopolita que caracterizou o século XIX, e, a partir de então, a comparação – que surgiu não especificamente no ramo literário – migrou para essa área, ou seja, para o campo literário, com um contágio, quando a expressão “literatura comparada” vem a se firmar, na França, como foi afirmado anteriormente.

Apesar de ser chamada de LC, essa disciplina é compreendida como uma abordagem que consiste na comparação, não só da área literária lingüística, mas também no âmbito de variadas artes. (Nitrini, 2000).

Definir Literatura Comparada é uma tarefa árdua, pois o seu surgimento, segundo Nitrini (2000), coincide com o da própria literatura. Apesar de despontado há milhares de anos – com o nascimento das literaturas grega e romana – é no século XIX que ela surge como disciplina, visando estabelecer a influência entre autores e suas respectivas obras; inclusive a nomenclatura “Literatura Comparada” também surge nesse período, sendo consagrada academicamente na França, mais precisamente em 1887.

T. S. Eliot também analisa os diversos conceitos que fazem respaldo para a Literatura Comparada, ao gerar seu ensaio “Tradição e Talento Individual”, mostrando a suma utilidade referente à Literatura Comparada e como a mesma deve fluir:

Nenhum poeta, nenhum artista, tem sua significação completa sozinho. Seu significado e a apreciação que deles fazemos constituem a apreciação de sua relação com os poetas e os artistas mortos. Não se pode estimá-lo em si; é necessário situá-lo, para contraste e comparação. Entendo isso como um princípio de estética, não apenas histórica, mas no sentido crítico. É necessário que ele seja harmônico, coeso e não unilateral. (ELIOT, 1989, p. 39).

Compara-se, então, não simplesmente com a intenção de assemelhar os elementos postos em confronto, e sim, para enxergar disparidades, diferenças, como assegura-nos Carvalho (1997):

Pode-se dizer, então, que a Literatura Comparada compara não pelo procedimento em si, mas porque, como recurso analítico e interpretativo, a comparação possibilita a esse tipo de estudo literário uma exploração adequada de seus campos de trabalho e o alcance dos objetivos a que se propõe. (CARVALHAL, 1997. P. 7).

Enxerga-se, dessa forma, a literatura comparada como um meio de integração cultural; é comparar obras e personagens inseridos em lugares distintos, mas que ligados por fios de

semelhanças, ou até, componentes de um mesmo meio, se diferenciam nesses mesmos elementos.

Comparar é um procedimento peculiar à estrutura lógica do homem. Na crítica literária, por exemplo, usa-se a comparação para acentuar a intenção da crítica diante dois ou mais textos. (Carvalho, 1997).

A Literatura Comparada designa uma forma de investigação literária que confronta duas ou mais literaturas, e, ao denominar-se como um determinado trabalho comparativo, percebe-se que essa tal denominação abrange investigações diversas; vê-se, portanto, diversificação de objetos a serem analisados, e assim, a Literatura Comparada apossa-se de um amplo campo para, assim, atuar, segundo Carvalho (1997).

Comparar é um procedimento que faz parte da estrutura de pensamento do homem e da organização da cultura. Por isso, valer-se da comparação é hábito generalizado em diferentes áreas do saber humano e mesmo na linguagem corrente, onde o exemplo dos provérbios ilustra a frequência de emprego do recurso. (CARVALHAL, 1997. p. 6).

Para Carré (*Apud* Carvalho 1997), Literatura Comparada tem como objeto o estudo de diversas literaturas em suas relações recíprocas, como afirma o comparativista francês:

A literatura comparada é um ramo da história literária: é o estudo das relações espirituais entre as nações, relações que de fato existiram entre Byron e Púchkin, Goethe e Carlyle, Walter Scott e Vigny, entre as obras, as inspirações, até entre as vidas de escritores pertencentes a várias literaturas. (CARRÉ, 1956. P. 7).

Adentrar o terreno da literatura comparada é preparar-se para trilhar veredas diversas da concepção humana, é ver que os “iguais”, até então, são “diferentes”, ou vice-versa, como assegura Carvalho:

Comparar é valer-se da oportunidade de olhar longe para ver de perto como o outro fala, do que o outro fala, o que o outro pensa, onde o outro vive, como vive; é, enfim, estabelecer comparações-atitudes normal do ser humano. O exercício do comparativismo ‘colabora’ para o entendimento do Outro. (CARVALHAL, 1997. p. 8)

No entanto, trabalhar com LC não é apenas sair coletando dados e montar, aleatoriamente, obras avulsas; comparar não é apenas costurar retalhos de concepções variadas; unindo-as unicamente pelo simples fato de estas obras em análise terem traços em

comum; é preciso analisar a obra por completo, observar qual o instrumento deve ser usado como ferramenta de análise e comparação entre as obras, de maneira minuciosa, vendo as obras como um todo, e não como um fragmento, como afirma Candido (*Apud* NITRINI 2000):

Como dizia Ruth Benedict, não se deve montar um Frankenstein cultural, feito de pedaços tomados isoladamente de pedaços quaisquer. Do mesmo modo não se pode, por exemplo, fazer literatura comparada tomando (digamos) a função do dinheiro em Machado de Assis, em Dostoiévski e em Balzac, e efetuar um confronto puro e simples, pois seria produzir um Frankenstein crítico. É preciso considerar a obra de Machado como um todo e ver de que maneira o dinheiro funciona nela. Certamente funcionará de maneira diversa nas obras de Dostoiévsky e Balzac, vistas também como totalidades que ele se insere. Só a partir daí será possível proceder a comparação. (Antonio Candido, In: NITRINI, Sandra, 2000, pg. 183).

Assim, compreende-se que, é importante ressaltar, através da Literatura Comparada o aspecto dúbio de ler e interpretar obras de diferentes contextos, mas que, associam conteúdo e/ou contextos e isso é relevante para elevar o conhecimento.

2.2. O ADULTÉRIO

A palavra adultério provém do latim – *adulterare* – e referia ao ato carnal de envolver-se sexualmente com outrem que não fosse seu cônjuge, e, estendendo-se até os dias de hoje, faz menção do significado ao verbo corromper, falsificar, alterar, e, nesses termos, acabam-se concordando plenamente com a definição milenar: o que corrompe a integridade familiar com relações paralelas. (HOUAISS, 2004).

Tal palavra é carregada de um peso extremamente significativo, e, são traços culturais, históricos e patriarcais que constroem esse significado. Nos traz à memória o sinônimo de proibido, nefasto, errado, e, ao decorrer da história, tal ato – ou quem o comete – tem sido vítima de punições horrendas, desde as clausuras, apedrejamentos, rejeições sociais, cintos de castidade, cilícios e desonra banhada em sangue em nome da honra. - Nathaniel Hawthorne, Alexandre Dumas e Machado de Assis, por exemplo, perpetuaram-se na Literatura através de obras que trataram o tema.

Esse julgamento, esse juízo elaborado sobre o adultério está sustentado fortemente pelos preceitos e padrões sociais, oriundos dos diferentes segmentos sociais, religiosos e culturais. A fé, praticada em distintas religiões, aplica o maior estigma consequente do adultério – o pecado – embora os padrões atuais e a concepção religiosa sejam mais brandos

atualmente que outrora, quando tal ato era considerado uma infame violação dos sagrados elos familiares e seus direitos. (CHAUÍ, 1991)

A desigualdade de direitos e preceitos sociais estigmatiza a mulher quando é ela que comete o ato, e essa desigualdade entre os sexos vem desde o surgimento das civilizações, quando as próprias leis bíblicas sugeriam que a mulher deveria ser submissa ao marido. Doravante, essa subestimação ao sexo feminino fez com que a fraqueza da carne fosse tão apedrejada quando praticada por elas. Waal (2005) põe-se a analisar como esse estigma apoderou-se da mulher há séculos:

Tudo na evolução converge para o êxito reprodutivo, por isso as diferentes orientações de machos e fêmeas são perfeitamente compreensíveis. Um macho pode aumentar sua descendência acasalando-se com muitas fêmeas enquanto mantém afastados seus rivais. Para a fêmea, tal estratégia não tem sentido: acasalar-se com numerosos machos em geral não lhe traz benefícios. (WALL, 2005, pg. 80)

Essa concepção nos mostra então, que o adultério feminino pode ser justificado por diversos deslizes sociais, pela subestimação do sexo feminino, pela opressão religiosa e patriarcal que sempre mostrou-se intolerante diante o sexo feminino, como percebemos que até mesmo no reino animal, é o macho quem prevalece.

A Literatura tem abordado isso, e, com muito mais ênfase quando o adultério é cometido pelo “sexo frágil”. É só observarmos as obras referenciais literárias, como por exemplo, *Anna Karenina* (1877), de Leon Tolstói – uma nobre e fictícia czarina que choca a Rússia Aristocrática em um ato extraconjugal; *Dom Casmurro* (1899), de Machado de Assis – Em que o cisma do adultério causa em Bentinho o ciúme doentio por Capitu.

O Primo Basílio (1878) de Eça de Queiroz constitui a análise de um casamento burguês que desmorona diante do adultério, sendo Luisa a causadora dessa ruína. Nisto, compreendemos que o sexo extraconjugal estende-se ao universo feminino, e assim, relega a mulher a segundo plano na sociedade.

Em *A Letra escarlate - The Scarlet Letter* (1850), do escritor Nathaniel Hawthorne, o adultério é a pauta central da trama ficcional como também é nessa obra que percebemos na literatura a descrição de um drástico castigo para o adultério feminino; a protagonista Hester Prynne é condenada a isolar-se da comunidade em que vive e carregar no peito a letra escarlate “A”, alusão à adúltera; um relato fictício com embasamento na rigidez da sociedade de outrora. “Num campo severo, imenso, negro e triste, gravada a vermelho a letra A subsiste” (HAWTHORNE, 1992, p. 189).

Embora a sociedade sempre abraçasse a ideologia que a mulher deveria ser inferior, foi a partir do século XIX que “o fraquejar da carne” pôs-se mais aberto, à mostra, através da literatura; no entanto, não menos apontado pela sociedade, como afirma Perrot (1993) que:

O adultério feminino é o mal absoluto contra o qual, no começo do século XIX, o marido possui todos os direitos, pelo menos em princípio. Pois, desenvolve-se uma tendência mais igualitária que encontra expressão no veredicto mais brando dos tribunais... Mas, o mais grave é a infidelidade conjugal da mulher. Quanto ao adultério do homem, a tolerância é praticamente absoluta... (PERROT, 1993. p. 273)

A civilização é plena de casos escandalosos, voltados ao adultério, e embora tenha passado pela Antiguidade, pelas torturas da Idade Média, até nossa Era Contemporânea, é nos séculos XIX e XX que o bizarro voltado ao extraconjugal causará impacto através da literatura.

(...) Daí, sem dúvida, a metamorfose na literatura: antes, de um prazer de contar e ouvir, dantes centrado na narrativa heroica de bravura e santidade, passou-se a uma literatura ordenada em função da tarefa infinita de buscar, no fundo de si mesmo, por entre as palavras... (FOUCAULT, 1988, p. 68)

Embora hoje em dia, se observarmos o adultério de acordo com o Código Civil Brasileiro de 2010 – mais precisamente no Art. 1. 727 – o adultério não é mais considerado crime, doravante, concubinato; mas trair seu cônjuge pode ser algo extremamente caro e não menos escandaloso que nos séculos passados.

O adultério é visto como crime ainda no século XIX e meados do século XX – pois essa concepção remota desde a Antiguidade, segundo Perrot (1993), e, ainda de acordo com a filósofa, é justamente nesse período oitocentista que o ato escandaloso de adulterar amplia-se através de numerosos fatores, como o urbanismo – esse fenômeno peculiar ao século XIX que modernizou a vida social da sociedade urbana da época, com diversas oportunidades de lazer e espaço: *boulevares* e *SPAS* Europeus.

É justamente o que acontece com a personagem central da obra *O Amante de Lady Chatterley*(1928), de D. H. Lawrence, cuja protagonista, desgastada em seu casamento, vai à Itália e envolve-se com a modernidade vigente da aristocracia: a diversão comprometedora.

Ainda analisando o advento da liberdade dentro do âmbito feminino em meados do século XIX e princípios do século XX, levando em conta a conservação da reprovação social referente ao adultério, passa a ser mais banal a descrição da volúpia feminina entre os mais vanguardistas, como afirma Perrot:

O adultério alimenta as conversas vespertinas. Nos círculos de alta política, observa Jean Estèbe, é normal possuir um amante; ‘uma ligação mundana pode até provocar algumas reações de apreço’. O romance e o teatro de revistam incitam à infidelidade. Alexandre Dumas e Becque e Battaille esmiúçam os amores adúlteros. (PERROT, 1993, pg. 555).

Apesar de ser apenas no século XIX que essa concepção sobre a mulher adúltera se atenua, desde sempre o homem não sofreu as consequências do ato escandaloso; para o caso dos *Don Juans*, a sociedade mostrava-se mais complacente, menos opressora. Era questão de honra e masculinidade envolver-se extraconjugalmente, ficando a opressão e o estigma de adúltera para a mulher, quando era esta a causadora da transgressão. E nesta lógica, tomamos por base a ideologia de Waal (2005), quando afirma que:

(...) A mulher deve obediência a seu marido; ele pode fazer que seja condenada à reclusão, em caso de adultério e conseguir o divórcio contra ela; se mata a culpada em flagrante, é desculpável aos olhos da lei; ao passo que o marido só é sujeito a uma multa se trazer uma concubina ao domicílio conjugal e é, neste caso somente, que a mulher pode obter o divórcio contra ele. (WAAL, 2005, pg. 105)

As diferentes concepções sobre o adultério feminino expostas neste capítulo servem-nos como suporte para a análise que acontecerá no capítulo posterior – a análise da presença do adultério nas obras *Madame Bovary* (1857), de Gustave Flaubert e *O Amante de Lady Chatterley* (1928) de D. H. Lawrence – à luz do que explanou-se neste capítulo, levando-se em conta as concepções de Michelle Perrot, Foucault e outros teóricos que baseiam-se na temática em questão para a desenvoltura de seus trabalhos.

3. METODOLOGIA

A pesquisa a ser realizada neste trabalho é classificada como bibliográfica, pois, segundo Gonsalves (2001) tal trabalho apresenta as características peculiares a este tipo de pesquisa, pois:

A pesquisa bibliográfica caracteriza-se pela identificação e análise dos dados escritos em livros, artigos de revistas, dentre outros. Sua finalidade é colocar o investigador em contato com o que já se produziu a respeito do seu tema de pesquisa. (GONSALVES, 2001, pg. 34)

Usando como respaldo a estrutura bibliográfica para desenvolver o tema em pauta, ter-se-á como meta a abordagem das obras literárias *Madame Bovary* (1857), do escritor Gustave Flaubert – marco do Realismo Francês - e *O Amante de Lady Chatterley* (1928) – polêmico clássico do modernista britânico D. H. Lawrence, e dessa maneira, como meta central, a análise das personagens centrais – Emma Bovary e Constance Chatterley – como também estudando a compreensão dos fatores que as guiaram ao adultério.

Dessa forma, comungando do que diz Gil (1994, p.73) que “A pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições de diversos autores sobre um determinado assunto”, faremos a leitura de autores que abordam o adultério, como por exemplo, Michelle Perrot, em “História da Vida Privada” e Foucault em “História da Sexualidade”, entre outros teóricos considerados essenciais para a culminância deste artigo.

As personagens Constance Chatterley e Emma Bovary são duas personagens que trazem consigo destacada capacidade de despertar no leitor o afã de analisá-las, devido a complexidade que as envolve, e assim, ver-se-á, por exemplo, o comportamento dessas personagens, “que vivem em épocas distintas, mas semelhantemente vanguardistas e decaídas”, como afirma Michelle Perrot (1993). Classifica-se também essa pesquisa como descritiva, que, de acordo com Moreira e Caleffe (2006, p.70) afirma-se que “a pesquisa descritiva é um estudo de status que é amplamente usado na educação e nas ciências comportamentais [...] por meio da observação objetiva e minuciosa, da análise e da descrição”.

Então, ao nos colocarmos como observadores, salientando as características da sexualidade e das procedências das personagens, entraremos constantemente em sintonia com a concepção de Moreira e Caleffe(2006) quando se referem ao tipo de pesquisa descritiva.

Dessa maneira, usamos a voz de Gil (1994, p. 73), quando afirma-nos que “as pesquisas deste tipo tem como objetivo primordial a descrição das características sociais ou de fenômenos...”, já que para uma melhor análise das personagens, analisar-se-ão os componentes que as formam: sociedade e sexualidade, por exemplo. Vendo, então, quais circunstâncias as guiaram à mácula do adultério, tornando-as tão semelhantes ou tão diferentes, em vários aspectos.

4. ANÁLISE

4.1 EMMA BOVARY E CONSTANCE CHATTERLEY: A CAMINHO DO ADULTÉRIO

Aproximando as obras *Madame Bovary* e *O Amante de Lady Chatterley*, têm-se dois estereótipos da figura feminina, embora guardem cerca de setenta anos de distância entre si. Emma Bovary e Constance Chatterley são, ambas, observadas por um narrador onisciente e detalhista, que descreve com profundidade a alma das personagens.

As personagens são, indubitavelmente, duas figuras literárias que ressoam com força na literatura ocidental, pois figuram como personagens centrais de dois grandes clássicos das literaturas francesa e inglesa. Compará-las, no entanto, permite ao leitor uma reflexão contundente sobre o adultério e sobre a sociedade burguesa - na qual está inserida Emma - e a sociedade aristocrática - onde habita Constance Chatterley.

Ambas as protagonistas são referências literárias ao lado de personagens que também permeiam veredas do adultério como, por exemplo, Capitú (Machado de Assis), Anna Karenina (Leon Tolstói) e Luisa (Eça de Queiroz). Mulheres adúlteras, embevecidas pelo devaneio da paixão paralela ao matrimônio, presentes em obras que retratam o erotismo e a sexualidade reprimida em processo de libertação.

É perceptível como Gustave Flaubert e D. W. Lawrence fazem de suas heroínas um estereótipo de rebeldes, que exibem códigos morais rompidos e declaram uma ligação com o erotismo pulsante em que pudores e convenções não são recolhidos, para deixarem fluir o exercício de uma sexualidade condenada pela moral conservadora vigente nas épocas em que se ambientam os respectivos romances. Ambas fogem obstinadamente de qualquer laço que as mantenham presas aos cônjuges: com suas “transgressões” denunciam o fracasso do casamento tradicional.

Em diversos trechos dos romances as personagens são descritas quando se entregam a verdadeiros devaneios, enquanto fogem física e psicologicamente dos maridos até dos amantes, lançando-se a conflitos internos e externamente corrosivos da integridade feminina e matrimonial tradicional, rendendo-lhes anódia quemacula a instituição matrimonial.

Esse comportamento dialoga com a concepção de Battaille (1987), quando afirma:

O amante não desintegra menos a mulher que o sacrificador ao sangrar o homem ou o animal imolado. A mulher nas mãos daquele que a ataca é despossuída de seu ser. Ela perde, com todo o seu pudor, esta firme barreira que, separando-a do outro, tornava-a impenetrável: Ela se abre bruscamente à violência do jogo sexual, deflagrado nos órgãos da reprodução à violência impessoal que, vinda de fora, a ultrapassa. (BATAILLE, 1987. p. 84).

Dessa forma, compreende-se que a transgressão, o escândalo sexual praticado pelas personagens, pode ser entendido como uma maneira de organizar a desordem que gera a frustração e a insatisfação erótica com o cônjuge, levando à inclusão de um terceiro elemento, organizando-se em uma área, desorganizando-se em outra, instalando a possibilidade de angariar conceitos preconceituosos acerca da prática do adultério nessas obras. Como vilãs, as personagens recebem o opróbrio da sociedade conservadora e piegas.

Semelhantemente malogradas com maridos impotentes e desinteressantes – as quais tornam suas existências uma rotina intolerável, as duas mulheres se lançam em uma aventura suicida. Constance, componente de uma sociedade aristocrática, mas vanguardista parcialmente, pôde acenar para o divórcio, posto em prática pelos casais desde 1884, segundo Perrot (1993), sem, no entanto, ser poupada do desengano, como se lê nesse trecho da obra de Lawrence:

Constance, não diferente, debruçava-se ao ócio dolorido da solidão a dois: o vácuo! Cabia a Constance Chatterley aceitar o grande vazio da existência que parecia-lhe o único fito da vida, com todas as pequenas ocupações compondo o grande total: o nada. (LAWRENCE, p. 73)

Emma, componente de uma simplória sociedade burguesa e interiorana, nada pôde fazer além de seguir o processo de autodestruição que a vitimou, alheia às acusações a desonra que impulsionaram ao suicídio, regido, quiçá, pelo tédio do malogrado casamento com Charles Bovary ou pela sem razão de sua vida:

Quanto mais próximas lhe ficavam as coisas, mais o seu pensamento se afastava delas. Tudo o que a rodeava de perto, os campos enfadonhos, os burguesinhos imbecis, a mediocridade da existência, parecia-lhe uma exceção no mundo. Confundida no desejo, a delicadeza dos sentimentos, as saudades (FLAUBERT, 1981, p. 48)

O casamento é o fio tênue que liga as similitudes entre Emma Bovary e Constance Chatterley; o drama e os conflitos dos casais entre a aliança e o desejo, as tentativas malsucedidas e infortunadas dos maridos para resgatarem a serenidade já inexistente de seus

matrimônios, são vencidas pelas paixões extraconjugais que dominam as mulheres despreparadas para a gestão da própria sexualidade e da falta de afetividade doméstica.

A presença de uma criada como uma personagem secundária, a sombrear a figura da protagonista aparece em ambas as tramas; ambas coniventes com o adultério de suas senhoras. Como afirma Anne Martin-Fugier (1993) “os criados requerem uma vigilância discreta, mas constante, ladeando sempre suas ardorosas senhoras”. Felicité e Mrs. Boltton são as cúmplices das protagonistas.

A descrição romântica da volúpia dos encontros amorosos vem acompanhada por uma trelouca paixão pelo amante, não apenas pelo prazer do orgasmo, mas por vislumbrarem nos mesmos os perfis não-presentes nos maridos. Mesclam-se, portanto, desejo e sentimento, o abandono impudico das personagens, a perda do medo que as aflige enquanto mulheres de sociedades machistas, implacáveis quando se trata do adultério.

Emma, porém, fremia de desejos, de raiva, de ódio. Aquele vestido de pregas simples escondia um coração revoltado, e aqueles lábios tão pudicos nada revelavam de seu íntimo tormento. Amava Léon e procurava a solidão para, mais livremente, deliciar-se com a lembrança de sua imagem. A presença dele interrompia-lhe a volúpia do recolhimento. Estremecia ao ruído de seus passos; depois, à sua presença, ia-se a emoção e nada mais lhe ficava que um grande espanto terminado em tristeza. (FLAUBERT, 1981. p. 83)

Lawrence, no que se refere à volúpia de sua protagonista, aborda aspectos secretos da vida sexual, às vezes fazendo o uso de um discurso libertino, narrando a frigidez matrimonial impulsionada pelo desejo extraconjugal, o deleite na paixão “errônea” e o escândalo. Na obra de Lawrence, o adultério é descrito de maneira mais íntima, com expressões até então evitadas nas literaturas. A descrição dos encontros sexuais de Constance Chatterley com Oliver Mellors – o rude guarda-caças – é algo picante e provocador.

E quando ele a penetrou, num deleite de pura paz, continuou a esperar. Sentia-se como posta de lado – e em parte por culpa sua. Sempre quis a separação do gozo – e talvez agora estivesse para sempre condenada a isso (...). E permaneceu imóvel, sentindo os movimentos do macho dentro de si, a concentração e, depois, o súbito espasmo que a inundou de sêmen. (LAWRENCE, 2006. p. 138).

Flaubert compõe Emma de maneira a representá-la motivada pelo adultério, por uma alienação de origem sócio-educacional, moldando-a ao estereótipo da mulher leitora, ingênua

e influenciável. Já Lawrence concebe Constance como a aristocrata entediada que trai o marido movida pelo fastio que a invalidez de Clifford lhe provoca. Ao contrário de Emma, a protagonista de Lawrence vivencia uma experiência mais ardente, mais impetuosa nos braços de seu amante, abraçando os modos indisciplinados de Oliver Mellors, experiência excitante e bastante diversa daquilo que Emma experimenta com seus dois amantes de ascendência nobre.

Vale mencionar uma diferença importante nos adultérios das duas protagonistas: enquanto Emma mantém relacionamentos apenas com indivíduos de sua própria classe social, Constance vivencia uma experiência absolutamente transgressora, nos braços de seu amante que é componente de uma classe social inferior à sua.

A escrita de D.W. Lawrence dialoga com a obra de Flaubert na audácia de enfrentar a sociedade com uma literatura voluptuosa, carnal. A visão flaubertiana passa a dominar o campo da literatura, e o modelo do amor cheio de pudores se desagrega. O campo semântico do amor compõe-se, a partir de então, de tais elementos como a sexualidade aguçada, o adultério e o divórcio, a excitação constante, o desnudamento do desejo.

O que colabora, no entanto, para acentuar a prática do adultério que vem a influenciar as obras subsequentes é a maneira como o Simbolismo do final do século XIX marca a imagem feminina, vendo-a como etérea, venenosa e fatal a um só tempo, como afirma Perrot (1993):

O amor físico, carnal domina o romance e a poesia. A obscenidade, a um só tempo onipresente e oculta os volteios do texto, impõe ao leitor uma permanente decodificação que atia o prazer da transgressão. Elipses, perífrases e metáforas convidam a imaginação a trabalhar. Assim, funcionam as evocações do gozo. Na literatura, pode-se ‘tomar uma mulher, que, se ‘entrega’; a ‘felicidade - às vezes o coito, às vezes orgasmos – é feita de ‘indizíveis gozos, de ‘insólitas delícias’, de um ‘prazer louco, quase convulsivo’. (PERROT, 1993. p. 529)

O que vemos nos textos de Flaubert e Lawrence, permanecendo como motivo central das suas obras é uma espécie de crítica do *ethos* burguês e aristocrata. Enquanto as protagonistas, enfadadas de matrimônios desgastados e mergulhadas no marasmo incômodo e se vêem impossibilitadas de uma realização plena de seus desejos reprimidos, ao invés da depressão alienante e do fanatismo religioso dos séculos anteriores lançam-se à vida, desafiando, com a prática do adultério seus sufocantes espaços sociais.

Marcadas pelo ideário romântico e carnal ausente em seus cônjuges, Emma Bovary e Constance Chatterley são arrebatadas por essa fissura entre suas ações exteriores e seus desejos interiores, atraindo grandes tormentos. Emma Bovary aparece como um arquétipo de protagonista sofredora, incapaz de realizar suas aspirações, resultando numa grande tragédia. Embora Emma aja como uma personagem vanguardista, sua ousadia não é suficiente para resistir à pressão que o mundo burguês lhe impõe e acaba por sucumbir de forma trágica.

Embora Constance também sinta o doloroso descompasso entre seu mundo íntimo e a sociedade ela consegue – ao contrário de Emma – encontrar nos braços do amante um abrigo que restaure parcialmente sua integridade desmoronada.

Não obstante a disparidade das classes sociais, os amantes das protagonistas dão o tom do discurso no discurso das obras, encenando o escândalo do adultério que ganha um desdobramento importante nas referidas obras, tomado de uma enorme força transgressora. O adultério é praticado pelo sexo tido por frágil e submisso e, de acordo com as ideologias oitocentistas e novecentistas, é algo impactante. Para Perrot (1993):

O adultério feminino é o mal absoluto contra o qual, no começo do século XIX, o marido possui todos os direitos, pelo menos em princípio, pois desenvolve-se uma tendência mais igualitária e que encontra expressão no veredicto mais brando dos tribunais [...] mas, o mais grave é a infidelidade conjugal da mulher. Quanto ao adultério do homem, a tolerância é praticamente absoluta. (PERROT, 1993, p. 273).

O Amante de Lady Chatterley é uma obra que pensa o desejo feminino como princípio ativo e autônomo. Constance Chatterley busca o prazer porque dele precisa e a ele tem direito: a mulher “classuda” que busca o bruto para satisfazer algum obscuro desejo, alguma “nostalgie de laboue”, como se dizia. Depois de um ato sexual particularmente intenso, Constance agradecia ao guarda-caça. Mellors era rústico, mas, ao mesmo tempo, revelava-se um ser sensível. Interessante perceber que os próprios amantes de Emma Bovary trazem o arquétipo de hipocrisia da sociedade burguesa: abandonam a amante de maneira desprezível, entregando-a ao desgosto profundo, como conseqüenciado deslize do adultério que, para eles, pouco ou nada representou.

De outra maneira é o adultério, ou adultérios, na obra de Flaubert. Sua história se dá em outro contexto, embora o ambiente é seja também rural. Este lócus não evoca a sensualidade despertada pelo contato com a natureza, como em *Lady Chatterley*, mas sim o tédio e a mediocridade de uma vida sem amor e sem propósito. Charles Bovary é moldado

numa monotonia, extremamente melindroso e burocrático, mas não deixa de ser comovente no amor que sente por Emma. Ela é apenas uma garota ambiciosa que ergue os olhos e vê seus horizontes fora da província, e, não conseguindo ir além do que sua imaginação desenha pra si, frustra-se.

Diante o adultério, as protagonistas tem comportamentos diferentes: Emma é mais sonhadora, idealizadora. Já Constance é mais frescor e exultação, porém, mais consciente, embora não se saiba se o que é mais contundente nessas obras sejam descrições sem subterfúgios dos atos sexuais ou a paixão entre pessoas de classes sociais distintas. Em *Madame Bovary*, além dos casos extraconjugais, é significativa a forma como Emma se recusa a submeter-se ao papel imposto a ela – desprezando o marido, abandonando a filha – sentindo-se à parte dos matizes sociais e provincianos, embora acabe apagada por essas cores sociais que ela tanto rejeita.

Já Constance Chatterley, embora também se sinta motivada a romper com os padrões rigorosos, como Emma, tem uma concepção menos idealista que Emma Bovary, pois descende de uma formação menos rigorosa, mais apta aos joguetes do meio social.

Embora Constance Chatterley tenha sido criada à sombra de Emma Bovary, as obras tomam desfechos diferentes, embora embaladas pelos amores paralelos aos cônjuges: Constance faz caminho inverso à tragicidade de Emma. No entanto, Emma, como Constance, usa o corpo como representação de sua autonomia sexual. Esse descasamento funciona como uma catapulta queas iça ao campo dos amores proibidos. No entanto, enquanto os amores extraconjugais de Emma desmoronam o envolvimento de Connie com Mellors sefirma.

Emma Bovary tem a plena consciência de que suacarência parte da insatisfação com a maneira de encarar a vida; a utopia que a sustenta de pé, é, ao mesmo tempo o que causa a sua ruína:

Sentia necessidade de poder tirar das coisas uma espécie de proveito próprio, e repelir tudo que não contribuísse para a alegria imediata do coração, porque tinha um temperamento mais sentimental que artístico, procurando emoções e não paisagens (FLAUBERT, 1981, pág. 50).

Por outro lado, enquanto a decepção diante uma vida marital fracassada leva Emma à ruína, é o que faz Constance rever seus conceitos enquanto mulher, aproximando-se cada vez mais de seu amante, impulsionando-a a erguer-se.

Essas concepções contribuem para a forma como as protagonistas encaram o adultério; embora para as duas a insatisfação sexual seja um ponto de partida – o caso extraconjugal e

suas sensações- o processo de maturidade que ocorre com Constance não é o mesmo que ocorre com Emma Bovary. A partir de então, as histórias deixam de convergir. Enquanto os passos de Constance aproximam-na da liberdade juntamente com seu amante, Emma caminha para a destruição e incompreensão por parte de seu último amante – Rodolfo – que, embebido no egoísmo, abandona sua amante à sua própria sorte, quando esta encontra-se endividada, e o procura, no afã de encontrar guarida, deparando-se, no entanto, com o impulso maior para seu ato insano e suicida.

Emma saiu. As paredes tremiam, o teto esmagava-a... Permaneceu perdida de pasmo, não tendo já consciência de si, senão pelo bater das suas próprias artérias, que julgava ouvir escaparem-lhe, como música ensurdecadora que enchesse os campos. O solo, debaixo dos seus pés, era mais movediço que uma onda, e os valados pareciam-lhe imensas vagas escuras, num cachoar contínuo. (FLAUBERT, 1981, p. 233).

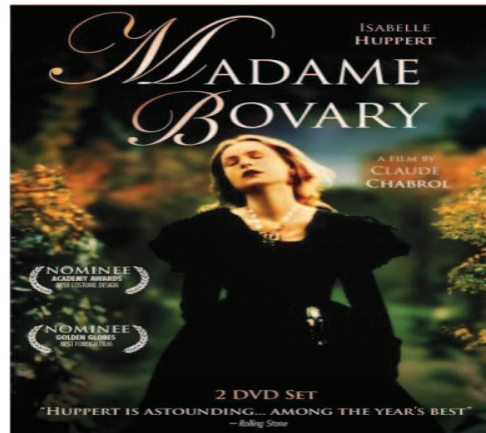
Lawrence, embora tenha, possivelmente, bebido da fonte de Flaubert para a construção de sua protagonista adúltera, opta por dar à sua obra um desfecho menos contundente. Constance, uma mulher de ascendência politizada e concepções mais amplas a respeito das consequências resultantes de seu caso extraconjugal, não se apieda da situação de deficiência física e psicológica de seu cônjuge e entrega-se ao novo, com se percebe no trecho da última carta que Constance escreve para seu esposo:

Clifford, creio que o que foi previsto vai realizar-se. Amo outro homem e espero que você concorde com o divórcio. De mim já não tens necessidade – e não posso suportar a idéia de voltar a Wragby. Estou aborrecidíssima. Perdoe-me e requeira o divórcio- e case com alguma melhor do que eu. Não sou a mulher de que você precisa; muito impaciente muito egoísta [...] Perdoe-me, pois, e desembarace-se de mim. (LAWRENCE, 2006. p. 288).

Conclui-se que o adultério foi, para Emma, uma válvula de escape, enquanto para Constance uma forma de enfrentar o fim de seu casamento, ambas recorreram à tríade corpo/mente/indivíduo como armas e estratégias de ação.

Em suma, entre essas duas obras as variações de tempos, comportamentos e espaços eternizam essas personagens entregues a destinos divergentes, representam o jogo de fragmentação da individualidade e do perfil feminino moldado pelas sociedades conservadoras de meados do século XIX e limiar do século XX. A cena do feminino diante da corrosiva ação machista e conservadora de tais sociedades faz das duas protagonistas duas mulheres à frente do seu tempo, duas heroínas da literatura ocidental.

4.2 ADAPTAÇÃO FÍLMICA: *LADY CHATTERLEY* DE PASCALE FERRAN E *MADAME BOVARY* DE CLAUDE CHABROL



O ressoo fantástico dessas duas obras perpassaram as páginas dos livros, indo cristalizar-se nas telas do cinema através de adaptações fílmicas, com imagens e significados peculiares aos famosos cineastas que adaptaram as obras para as telas: *Claude Chabrol* e *Pascale Ferran* são os responsáveis pelos mais recentes trabalhos de adaptação fílmica, baseados nas obras de Flaubert e Lawrence, respectivamente em 1991 e 2006.

Cinema e literatura casam perfeitamente quando o tênue fio que os liga é uma exímia adaptação cinematográfica, como foi no caso das referidas adaptações. No filme de Chabrol, uma adaptação extremamente fiel ao livro de Flaubert, a escolha da atriz *Isabelle Ruppert* para o papel de Emma, que externa perfeitamente o arquétipo da personagem sonhadora, torna-a, de acordo com os cinéfilos e cineastas, a Emma Bovary mais expressiva entre todas as adaptações já feitas. A Emma de Chabrol, na pele de Ruppert, tem um ar maquinal, misterioso, porém atraente.



Já a Constance Chatterley de Pascale, interpretada pela atriz *Marina Hands*, tem um ar exuberante, vívido, em que as cenas de erotismo ganham uma visibilidade predominante, cheias de paixões inflamadas. Nisto, também percebe-se grande similitude entre a obra de Lawrence e a adaptação de Pascale Ferran, sendo também uma excelente escolha da atriz para viver a vívida personagem central.

Vale destaque para a cena final dos dois filmes, que também descrevem minuciosamente o desfecho das obras: as protagonistas, estigmatizadas pelas marcas do adultério, evidenciando a diferença fundamental da representação do adultério nas obras: Enquanto Isabelle Ruppert encena a Emma agonizante sobre a cama, como que punida pelos seus atos, Marina Hands encena uma Constance livre das amarras, despedindo-se de seu amante, numa espécie de libertação das cadeias do adultério.

Enquanto Emma Bovary passa a inexistir, Constance Chatterley passa a reexistir, vivendo, a partir de então, de maneira não mais cindida. A adaptação de Pascale Ferran foi vencedor do *Prêmio César* de 2007, enquanto a adaptação de Chabrol foi indicado ao Globo de Ouro como *Melhor Filme Estrangeiro*.

5. CONCLUSÃO

Chegando ao final da pesquisa, percebe-se alguns pontos mencionados no decorrer do artigo que destacam-se pela evidência, como por exemplo, a presença do adultério nas obras de D.H. Lawrence e Gustave Flaubert, que resultam dentre tantos aspectos, como por exemplo, no enfado diante malogrados matrimônios, levando o leitor à reflexões a partir de similitudes e disparidades entre as obras, e, respectivamente, às personagens.

Além do tema adultério, um ponto que merece destaque é a questão das relações das mesmas para com as sociedades, que de certa forma, interferem de maneiras diferentes no desfecho das obras, no destino das protagonistas.

As obras de Lawrence e Flaubert vêm em séculos diferentes, mas com gêneros especiais: o romance do inconfessável, revelando os desejos íntimos mais indecentes recalçados no inconsciente de Emma Bovary e Constance Chatterley: durante a narrativa, percebe-se verossímeis traços que perpetuam os romances, como o amor ladeando o adultério, a falsidade e o tédio existencial, o egoísmo humano. Compreende-se a realidade contundente que é descrita nas obras no tocante às influências sociais para com personagens, resultando em insatisfações e desejos reprimidos.

Enquanto que para Emma Bovary, o adultério fora o caminho fatídico que a guiou à ruína, para Constance fora a quebra das amarras, o impulso à renovação da vida. Em suma: o adultério, se comparado à uma catapulta, iça as duas protagonistas para campos distintos: Emma ao campo da desonra e da morte, Constance ao campo da liberdade, embora tenha sido a mesma força motriz o impulso: o envolvimento extraconjugal.

Dessa forma, Flaubert e Lawrence fecham suas obras orientados por visões distintas a respeito da prática do adultério, tão difundido ao longo de seus romances, mostrando, em ambas as tramas, a audácia feminina em confronto com a sociedade, agindo de maneira vanguardista, embora postas em desfechos bifurcados.

ABSTRACT

Madame Bovary and Lady Chatterley's Lover, by Gustave Flaubert and DH Lawrence, respectively, are two significant works in world literature, resembling the theme adultery, present in both works. In this idea, the purpose is to analyze in this work, through the Comparative Literature, where these works resemble and differ. We may find that the work, despite having the same theme, become distinct in their outcomes. This work therefore understands that the works are noted by the avant-garde and timeless characters, leading the reader to possible reflections from these similarities and differences between the works, and, respectively, to the characters. Flaubert and Lawrence close their works guided by different views with regard to the practice of adultery; however, the female audacity, along said novels, is treated similarly, but are guided to different outcomes.

Key-words: adultery, Comparative Literature, audacity female

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Tradução: Antônio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.

CALEFFE, L. G. & MOREIRA, H. Classificação da pesquisa. In: _____. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. 1. Ed., Rio de Janeiro, RJ. Lamparina editora, 2006.

CARVALHAL, Tânia F. *Literatura Comparada*. São Paulo. Editora Ática, 1997.

CHAUÍ, Marilena. *Repressão Sexual: Essa Nossa (des)conhecida*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

ELIOT, T.S. *As fronteiras da crítica*. In: *A essência da poesia*. Rio de Janeiro: Artenova, 1989.

FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. São Paulo. Abril Cultural, 1981.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade In: A Vontade do Saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13ª edição. Rio de Janeiro, Edições Graal – 1988

GONSALVES, Elisa P.: *Iniciação à Pesquisa Científica*. São Paulo, Alínea, 2001.

HAWTHORNE, Nathaniel. *A Letra Escarlate (The Scarlet Letter)*. Tradução de Carmen S. da Costa. Companhia das Letras – São Paulo – 1992

HOUAISS. *Minidicionário Houaiss de Língua Portuguesa* – Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

LAWRENCE, D. H.: *O Amante de Lady Chatterley*. São Paulo. Editora Martin Claret, 2006.

NITRINI, Sandra. *Literatura Comparada, História, Teoria e Crítica*. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

PERROT, Michelle. *História da Vida Privada 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra* / sob a direção de Michelle Perrot – São Paulo; Companhia das Letras, 1993.

SOUZA, Marcius F. B. A.: *Representação do Adultério Feminino em Dalton Trevisan*. Disponível em:
http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/8839/1/2011_Marcus%20Fabiani%20Barbosa%20de%20Souza.pdf Acesso em: 10/06/2014

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo. Martins Fontes, 2003

WAAL, Frans de. *Eu, Primata*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.